



O Gaiato



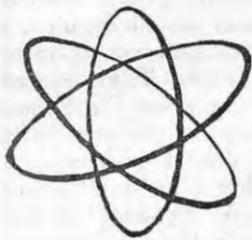
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 459 — Preço 14 DE OUTUBRO DE 1961

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



FACETAS DE UMA VIDA

Filhos de pai incógnito

Ainda de 27 de Maio de 23 há outra carta sobre negócios, a qual nada acrescenta às que já demos a conhecer.

Em 9 de Julho temos o Américo em Caldelas: «Como vê, estou nesta ridente terra há três dias e venho responder à sua de 22 de Maio».

Continua empenhado no comércio de frutas:

«Conto em breve receber informações do Cabo, duma firma a quem me dirigi, e ao mesmo tempo espero as informações que neste sentido lhe pedi, na minha última. Eu tenho muita fé neste ramo de negócio, e ainda que de princípio eu saiba que nunca pode ser explorado em grande escala, no entanto pode dar algum resul-

tado e eu quero ver se também trago fructa até Lisboa. Confirmando pois tudo o que a este respeito tenho dito e peço-lhe que me preste um pouco de auxílio. Como eu ahi não posso estar para conduzir os negócios, o seu plano seria tratar com uma pessoa capaz e séria, que mediante uma comissão trataria de vender as caixas aos vendedores que vão a bordo, etc. etc.. Com certeza que há-de haver ahi quem trate disto, e você melhor que ninguém sabe o que há-de fazer».

Trata de mais alguns assuntos, nomeadamente a vinda do Amigo me contou que essa vez sua irmã em Cete. E remata: «Está aqui o F. e, como tem carro, está a ver os passeios que eu apelo sempre que me oferecem».

Não sei se é deste ano, se doutro anterior, o encontro dos dois em Caldelas. Sei que o Amigo me contou que essa vez apareceu nas Termas um garoto miserável, de roupa nojenta e cabelo desganhado. O Américo condeou-se e dispôs-se a comprar roupa nova ao miúdo. Mas era preciso cortar o cabelo e dar-lhe banho. Pois nenhum barbeiro da terra o quis fazer! E acabou por ser ele mesmo a realizar a obra completa: cabelo, banho e roupa lavada.

Também recorda com saudade os passeios que davam pelas redondezas, durante os quais o Américo expandia o seu encanto pelas belezas que

Eu fui o padrinho. Queria ser uma testemunha verdadeira, e fui obrigado a mentir, a pôr a minha assinatura por cima duma mentira.

Se a inocente recém-nascida pudesse levantar-se do colo da madrinha, não consentiria aquele ultrage.

Vede como há, como se constroem crimes invisíveis, para os quais nós temos fechado os olhos!:

A mãe casou-se, para logo se separar do marido, não sei por que culpas, se dum ou doutro. Durante dois anos viveu só. Depois, juntou-se com um rapaz solteiro, porque não podia casar novamente.

Nasceram 3 filhos, que são o amparo moral dos pais, que, antes de os terem, «andavam por lá». Eu tenho sido testemunha dessa transformação. Ora, os filhos são deles; amimados, acarinhados e alimentados por eles. A mãe é casada com outro, que não o pai. Mas que culpa têm os inocentes? O verdadeiro pai quer e tem trabalhado no sentido de os perfiar, e a lei não permite. Ele sente-se desgostoso por os filhos não lhe pertencerem perante a lei. E eu vejo ainda outros perigos: os filhos, virão a conhecer o mal, porque hão-de vir a saber as culpas e as leviandades da mãe, e então sentirão dentro

um bichinho a roer, por ser alvo duma injustiça. Podem dizer-lhes que a lei não deixa a revolta interior estar sempre presente. Poderão dizer-lhes que as culpas são dos pais—que não se calarão, porque terão sempre que sentir a sua inocência e dirão que as faltas dos pais não podem cair sobre os filhos.

Naquela hora, à porta do gabinete, eu compreendi bem o sabafo da mãe: «Evitar os filhos». Outras pensarão da mesma maneira, pelas complicações que eu presenciei. Portas abertas para o crime, para a devassidão para a corrupção do povo. Exitei-me e fui duro no que ali se fez, mas a força do que sentia a revolta interior fez-me falar. Um funcionário ouviu e calou-se.

Para casos destes, há remédio. A minha dor, mal-la dor dos três inocentes, e ainda o desgosto do pai e o desabafo da mãe, não ser expostos à Assistência Judicial, para que se faça justiça. As crianças foram registadas como sendo filhos legítimos do marido da mãe. O verdadeiro pai quer que sejam dele perante a lei, pois são bocados de si próprio. Mas se se sabe que é assim, por que se põem diante da criança um pai com um pai que não é dela?

Ernesto Pi

África

Júlio, achando pouco ter quase todos os diários metropolitanos, recebe muitos do Ultramar, desde que lá foi a primeira vez com Pai Américo em 1952 e mais, depois que lá estivemos o ano passado.

Ele sabe que eu não tenho tempo para os ler e sabe os assuntos que mais me interessam. Daí, que eu encontre regularmente sobre a secretária um embrulhinho muito bem feito com recortes da imprensa de todo o Portugal.

Desta feita creio que todos tivemos sorte. Eu trazia no meu pensamento o tema que fui encontrar no Diário de Moçambique de 22 de Agosto passado. Não saberia expô-lo melhor, nem tão bem! De modo que o nosso África de hoje, será mesmo made in Africa, justamente na nossa Beira do Índico e chama-se:

Um caminho só

Há quem pretenda convencer o público português de que os problemas do Ultramar se resolvem com operações militares. Felizmente são os próprios militares que se não convencem disso, no que mostram sentido de objectividade e noção das suas próprias possibilidades. Os contingentes que têm embarcado na Metrópole e desembarcado nas paragens portuguesas de África constituem a solução de uma parte dos problemas, aquela que se prende com a segurança das populações pacíficas e com a tranquilidade no trabalho. Mas a tranquilidade e a segurança radicam-se profundamente e devem ser mais fomentadas, de dentro para fora, do que impostas, de fora para dentro.

É no geral contentamento das populações que está a raiz da paz, e o contentamento não se obtém senão na suficiência de meios espirituais e materiais de subsistência. A força soluciona os problemas levantados pelos desordeiros. Mas só a justiça resolve as aspirações dos outros, que são em maior número.

Não é novidade nenhuma que o comunismo lançou cerco à África e procura dominá-la. E não é igualmente novidade que o comunismo só alcança êxito nos meios de miséria, sobretudo de miséria imerecida. A ilacção, fácil de tirar, é que o comunismo combate-se, em África e em todo o mundo, pela prática da justiça, que reconhece a cada um os seus direitos. E não há outro processo a escolher. Por esse motivo, os problemas do Ultramar são, fundamentalmente, problemas de justiça. E esses não se resolvem só com tropa. Solucionam-se com medidas reais, que tenham em conta a formação das consciências e a satisfação das necessidades materiais; com a identificação da actividade missionária e com as reformas sociais e económicas e adaptações políticas.



Santo António, Funchal. A Estrela do Património dos Dobres as brilhar intensamen

TRABALHO

Em todas as nossas Casas do Gaiato há oficinas de trabalho. Alfaiataria, Carpintaria, Campo, Serralharia e Tipografia. As quatro primeiras trabalham essencialmente para as necessidades de cada casa. O mesmo não acontece com a última. Elas terão que ter a colaboração dos nossos amigos. Os do Porto para Paço de Sousa e os de Lisboa para o Tojal.

Óra é precisamente destas duas oficinas (e particularmente da Tipografia) que eu desejava deitar palavra.

Como é do conhecimento de muita gente, a época de verão é uma altura de grande crise para os trabalhos tipográficos. Há férias. Os patrões vão descansar das fadigas de um ano de trabalho e durante algum tempo não se mexe em nada. Nós compreendemos. É natural. É humano. O corpo precisa de descanso. O espírito de espairecer. Quem não o faria se pudesse? Esperamos. Vamos a ver, quando acabar o verão, se se lembram de nós. Mas não. O verão já passou. As praias estão quase abandonadas. Nós continuamos a esperar. Vamos-nos desiludindo mais em cada dia que passa. É que nós, queridos amigos de Lisboa, precisamos de ter trabalho para que uma dúzia de rapazes possa estar ocupada durante as 8 horas de trabalho. Ele educa e tem de ser por meio do trabalho que nós temos de

educar os nossos rapazes. É uma grande responsabilidade nossa e vossa. Bem sabeis que a receita, em nossas casas, é secundária. O que interessa é ensinar para que possam ser lançados na vida, que cada dia está mais difícil. Isto é que conta. Isto é que marca. Assim é que é nobre. Assim é que é humano. Mas como, se nós continuamos à espera hoje, amanhã e depois e sempre?! Isto é que não pode ser. Isto é que não conta. Assim não é nobre. Assim não é humano. Precisamos inteiramente da vossa colaboração. Ao menos, se daqueles estabelecimentos onde nós gastamos (e eles são tantos!) nos mandassem um pouco do seu trabalho, já estaríamos descansados. Já nós teríamos trabalho para os nossos rapazes. Já se podia entrar na oficina com um sorriso nos lábios, contentes e felizes por vermos 3 ou 4 máquinas em plena laboração. Uma dúzia de rapazes a acautelarem o seu futuro profissional. Mas vós não quereis. Vós preferis que eles andem pelas ruas de Lisboa a vaguearem, sabe Deus como. Às vezes a tratarem-vos mal. A serem perseguidos. E o que é pior; a perderem-se. Mas o que é preciso fazer-se? Muito simples: dêem-nos um pouco do vosso trabalho para as nossas oficinas de Tipografia.

Vamos continuar a esperar até que Lisboa desperte. Esta Lisboa que teima em não acor-

dar. Esta Lisboa que tanto nos poderia e devia ajudar. Oxalá ela compreenda e acarinhe a nossa queixa, para não podermos mais deparar com as oficinas de trabalho a servirem de autênticas salas de leitura. Só por isto.

Cândido Pereira

CAMPANHA DE ASSINATURAS

PORTO/LISBOA — Foi no domingo à tarde. (O domingo, sobretudo, é o dia da invasão. Ele de carro, camioneta e bicicleta, de combóio e a pé, vem um mundo de gente ansiosa por ver e rever a nossa Aldeia). Entre a multidão era uma excursão do Porto. Gente de trabalho e mãos calejadas. Quiseram visitar a Tipografia (por dois deles serem Tipógrafos) e como não podia deixar de ser falámos de «O Gaiato» e frizei um ponto mui digno de consideração: os senhores são devotos da Obra; muitos não vem um ano ao mundo sem uma visita à nossa Aldeia. Porquê não serem assinantes, leitores do Famoso, se ele é o ponto de união entre a Obra da Rua e as centenas de milhares de Amigos espalhados por todo o mundo? Concordaram. Sentiram a falta e seguiram dispostos a fazer barulho pelas camionetas da grandiosa excursão.

Vamos então dizer algo sobre o movimento desta quinzena: o Porto permanece ao nível e Lisboa trepou ainda mais uns degraus. A gente fica satisfeito, muito satisfeito com o passo certo. E compreendemos, perfeitamente, os altos e baixos — tão próprios da natureza humana. A propósito, diz uma lisboeta que a nossa Campanha será como o fio de água que pode enfraquecer mas não secará nunca. Muito bem! Por isso ela continua activa e, na verdade, sem um enjoo — até quando Deus quiser.

DO MINHO AO ALGARVE

— Vem aí a fina flor. E o nosso coração exulta de alegria ao ler e ao folhear as cartas impregnadas de entusiasmo apostólico. Olhem pró conhecido assinante 9330, com mais 4 novos leitores nas palminhas da mão e com este desabafo: O que seria de belo no mundo se em vez de grandes reuniões do mais alto nível, olhassem para o nosso semelhante que está ao mais baixo nível. Mas não; ali também não é Cristo vivido e amado. Ali é o homem-matéria, que tudo faz por ser rei e senhor, esquecendo ou fazendo esquecer... que o semelhante é seu irmão em Cristo. Eis.

Mais Vilamar, Santarém e Pardelhas (Murtosa). E Ermesinde com mais uma de

Sobrado; ela própria pediu e a «paga» é certinha... Segue Barcelos, S. Mamede de Infesta e Esposende. Mais o n.º 32306, de Paramos, com três de Espinho e esta legenda: São só três; pouquinhos. Mas desejava que fossem um milhão. O meu amor pelo «Gaiato» é muito grande. Desejo-vos coragem, muita saúde, para desta forma «O Gaiato» ser cada vez maior.

A procissão continua com Monte (Murtosa), Tavira, Ilhavo e Vila Nova de Gaia:

É com satisfação que lhe envio mais uma assinatura, a terceira deste ano. É muito difícil conseguir-se alguma nos tempos que correm, mas tenho fé em Deus que ainda hei-de arranjar mais.

Sem Fé, nada. Com ela — tudo. Por isso, vai arranjar mais e no fim verá como Deus ama quem O amar.

Temos ainda Vila Nova de Famalicão, Setúbal, Ifanes (Miranda do Douro) e, finalmente, esta carta Duma Doente:

Meus bons amigos. Sim meus amigos porque me proporcionam horas tão felizes com a leitura do «Famoso». Já há muitos anos somos assinantes, mas nem por isso temos arranjado outros, com desgosto o digo. Com este são 3 que, para todos nós, é uma gota no oceano.

*

ULTRAMAR — Moçambique adormeceu e faltou nesta quinzena! No entanto, como lição de categoria, Angola marca presença viva, vivíssima. Só um lista traz 7 assinantes de Luanda e um da Metrópole. Bravo! E não foi só isso. Vila Luso, cujo povo é 100% do «Gaiato» (não me canso de recordar o carinho que nos dispensou o ano passado), aqui está fumegante:

É a segunda ou terceira vez que leio «O Gaiato» e de tal forma me prendeu a sã Doutrina do «Famoso» que decidi não prescindir da sua presença em minha casa.

Mais uma prova. Mais uma que revela quanto de verdade já sentíamos de há muito — «O Gaiato» é um dos elos que une a presença de Portugal disperso pelo mundo: de tal forma me prendeu a sã Doutrina do «Famoso» que decidi não prescindir da sua presença em minha casa. O «Famoso»!

Júlio Mendes

Férias forçadas em Ordins

Uma mulher abandonada, com dois filhos dum amor adulterino, que outra coisa será que uma desgraçada? Onde parará um barco sem remos, à mercê da impetuosa corrente, que não no fundo das águas? Há sempre na alma o mis-

tério da liberdade humana e, por isso mesmo, o educador não poderá excluir ninguém que lhe apareça no caminho, por mais violentas que sejam as tendências para o mal. Há sempre uma esperança, como luz a aflorar, por meio de densas trevas. Deus não quer o mal moral e ajuda o homem a vencer o seu encontro enganoso. Na escalada para as alturas, sem Deus nada podemos. Mas, na descida para os abismos do mal, um abismo seguir-se-á a outro, se largarmos as mãos das mãos de Deus. Tudo podemos com Ele e nada sem Ele. Filhos, e não escravos, senhores livres do nosso destino, podemos cerrar os olhos à luz do alto e os ouvidos aos repetidos convites da Graça. Se feliz o justo que se esforçou por se vencer, desdesgraçado o que voltou as costas ao Senhor, que, não obstante, continua sempre a chamá-lo.

Para não mais se afundar, «Chales de Ordins» lançou-lhe a mão, admitindo-a entre as suas artezãs. Na serração da noite, havia uma estrela a brilhar. Era amiga de trabalhar, o que parecia já meio caminho andado. Quantas vezes se lhe enxugou as lágrimas no seu rosto dolorido! Quantas se acreditou nas suas palavras, por ventura, mentirosas, para a ajudar a redimir-se. E, quando um dia falou em trazer para junto de si os dois filhinhos, parecia vir ao encontro duma ideia salvadora: os filhos embora pequenos, são *polícia de costumes* dos pais. Polícia, não é bem. Os pais, sim, na presença da sua família sentem mais premente a sua função educadora. E era já tempo dela acordar.

A que não foi boa esposa não poderia, ao menos, vir a ser, agora, boa mãe e mulher morigerada? Escala difícil, mas tinha, ou parecia ter, elementos para fundamentar a minha esperança. Lancei-lhe, então, a mão, para que seus pecados não se multiplicassem mais, com os filhos junto de si, já que tanto os queria. E vieram da Roda. Infelizmente não veio com eles a pequena pensão que a ama percebia, para seu sustento e, passados meses, as duas crianças, cresciam a mendigar pelas ruas. A mãe falava, agora, em tornar a vender-se. Além do serviço dos chales, também tecia. Tinha, ainda, outras pequenas ajudas, embora tudo isto não fosse demais, sobretudo para quem não sabe o que é de primeira necessidade. Mas, depois de tanto a ajudarmos e de tantas vezes lhe perdoarmos, não vimos outro caminho, para haver paz, que irradiá-la, não obstante antevermos que o seu caso se agravaria. À sua falta de lealdade somava-se um orgulho desmedido. Sobretudo a sua língua viperina não poupava ninguém na sua faina difamadora. Já outras tinham sido expulsas, e por menos. Demos-lhe muitas oportunidades. Não quis corresponder. No tribunal de Deus, não nos poderá acusar, um dia.

E seus filhos? A princípio, parecia boa mãe e muito lhes queria. Depois, procurou realizar o seu antigo sonho: pôr o rapaz

Obras da Ericeira

Era a tarde quando chegámos. Tarde esplêndida de sol quente e vento suave. A calmaria reinava. Só casitas e nós dois éramos o quadro vivo. Lá distante, adivinhávamos um outro personagem — o mar calmo.

O meu companheiro tinha pressa e despediu-se. Fiquei só. O monte era em frente e lá no topo havia vida. Algo que se edifica. Movo-me e começo a escalar.

A meio ia já arqueando forte. Paro e amparo a subida com o que falta para galgar: ainda mais um pouco. Daqui já se avistava um encantador panorama. Com esta visão fica-se mais desejoso de atingir o cimo. Recomeço — uma escorregadela, um pontapé involuntário na rocha, o sapato aberto. Chego arfante ao caminho largo que um pouco mais me levaria ao ponto desejado. Aqui mesmo. Cá estamos, finalmente. Um quadro bellissimo de uma vida movimentadíssima e cativante. Nele me concentrei.

Pois este movimento sério, esta vida, esta canseira leve de uns carregando, outros transportando, outros cavando e todos

no final de contas, construindo. Seria ou não meditação? Porque não?! Conversava-se com o trabalho ou em voz baixa. Era o trabalho o companheiro único e suficiente de cada um.

Achei muito fácil o caminho da minha meditação e do sacrifício deles, mas difícil a tradução do todo no conjunto. É que não é vulgar esta dedicação, este zelo, este sentido profundo de que se colhem saborosos frutos no silêncio do trabalho.

Tem-se chamado a atenção dos rapazes, e é com grande alegria que damos graças a Deus pela perfeição prometida neste importante pormenor de cada um.

O tempo é pouco, a obra é grande e tem de fazer-se depressa. Portanto, mãos à obra.

Todos os dias os rapazes deram mostras da sua garra. O trabalho rendia bem. Eu até queria dar-lhes mais meia-hora de praia em estímulo e se não... paciência!

Neste monte escaldado, varrido pelo norte, com uma visão deslumbrante... ficará a nossa casa a ofertar-se ao beijo meigo, poético e carinhoso do mar.

Zé do Porto

Visado pela
Comissão de Censura



★ BELEM ★

O tempo é sempre pouco para as ocupações do dia a dia, indispensáveis à manutenção e desenvolvimento da Obra.

Por isso, outros trabalhos de vária ordem, com possibilidade de adiamento sem transtorno de maior, temos por vezes de os pôr de lado, por períodos mais ou menos longos.

Foi o que aconteceu com o nosso relatório de 1960. Valhados Deus! Já estamos quase nos fins de 1961 e aquele sem vir a lume. Mas esperamos que os leitores compreendam tão grande atraso e vamos a resumir-lo o mais possível.

Temos o saldo do ano anterior que são 230\$00. As esmolas dos particulares em dinheiro subiram a 66.161\$30. Do Governo Civil recebemos 6.000\$00. A venda de «O Gaiato» rendeu 4.160\$00. A receita total é pois de 76.551\$30. A despesa total é de 68.549\$10.

Temos, pois, um saldo de 8.002\$20 para 1961. Temos, não, devíamos ter, segundo as nossas contas. Porém, esta quantia já não se encontrava totalmente em caixa, no início de 61. Foi o pagamento da renda da casa àquela viúva pobre de que já falámos no relatório de 1959, e que nos esquecemos de apontar. E foram muitas outras esmolas, quase todas para resolver casos aflitivos e urgentes que não encontramos

ou não encontrariam solução por outras vias. Qualquer dia hei-de relatar aqui um deles, para que os leitores depois me digam se são ou não bem empregadas as notas que me enviam, quando os vão ajudar a resolver.

O ano de 60 foi caracterizado pela constante entrada e saída de Senhoras que puseram o problema de vir para Belém e vieram fazer a sua experiência, mais ou menos longa. No entanto e apesar de nenhuma ter ficado, não podemos considerar tal um prejuízo para a Obra. Antes esta foi uma fase pela qual a Obra teria que passar, para depois voltar ao princípio. Os casos das Senhoras e raparigas que estiveram em Belém, sendo muito diferentes entre si, em uma coisa se assemelhavam: é que todas procuravam em Belém a solução de problemas pessoais ou familiares, convencionadas de que mesmo assim poderiam fazer pela Obra. Sempre agradecemos todas as boas vontades e para nós nada há que valha mais do que uma intenção recta.

Ninguém pense, pois, em vir para Belém sem que para tal sinta realmente vocação e sem aquela disponibilidade total necessária a uma educadora.

Os móveis e roupas de cama adquiridos neste ano destinaram-

-se à casa que nos foi emprestada e que denominámos «ninho dos pintainhos». É verdade que continua fechada por falta de quem tome conta dela, mas já tive ocasião de dizer aqui que nada se perdeu, pois, quando conseguirmos casa maior, pouco mais teremos de dispendir no seu recheio. Há já camas com cobertores, lençóis e almoçadas para 40 crianças.

O ano de 1960 foi ainda o das últimas admissões, tendo chegado o número de crianças a 20. Passados alguns meses uma delas foi entregue aos cuidados de um casal sem filhos.

Relata-se aqui o que se passou no ano de 60, mas não podemos esquecer que já estamos a entrar no quarto trimestre de 61. Ocorrem-nos, pois perguntar: Teremos ainda a registar algum acontecimento importante no ano que vai a caminho do fim? Creio que sim! Pois os leitores não sabem que a quadra do ano mais fértil em acontecimentos para Belém é sempre a do Advento e Natal?

Preparemo-nos, pois, para mudar de capítulo e escrever alguma coisa sobre as novas instalações que se ambicionam e são indispensáveis a Belém como o pão para a boca das belenitas.

Inês — Belém — Viseu

reita apesar de surgirem por vezes algumas tempestades que nos obriguem a balançar. Saibamos sempre continuar a remar até que cheguemos ao fim, cantando vitória da etape que Deus nos colocou à frente e para a qual fomos criados.

Depois de darmos força à nossa alma, viemos para a Praia de Mira fortalecer o nosso corpo como nos anos anteriores.

— 16 dos nossos fizeram a Profissão de Fé e Comunhão Solene. Foram preparados pelos nossos dois professores e o Carlos Alberto preparou com muita arte e gosto a fita para cada um deles. Dava gosto vê-los naquele dia. A festa foi mais para eles, mas foi um dia grande para todos nós que os acompanhámos.

GABRIEL

★ LAR DO PORTO

Damos nota de alguns donativos que têm chegado à nossa posse e que nos têm feito bastante arranjo:

Do Sr. Avelino Peixoto, pertencente à direcção de um grupo cujo nome não nos foi possível identificar, 50\$; uma caixa da Biblioteca dos quartanistas do grande Colégio Universal, organizada pelo Ex.mo Senhor Doutor José Pessegueiro, setenta; de um anónimo, 20\$; mais alguns anónimos com dez, mais cinquenta, mais trinta, mais vinte, etc.. De Nagoselo, dois sacos de batatas.

A todos muito obrigado e que Deus lhes pague.

CONFERENCIA: Durante a minha recente visita ao Barredo, entrei em casa de uma velhinha dos seus setenta e sete anos de idade.

Logo que me viu, correu para mim com as faces humedecidas e logo me narrou a sua triste situação. Vive em companhia de um netinho que criou desde criança e tem presentemente 15 anos. Está a trabalhar numa mercearia onde ganha 5\$00 diários. Antes que lhe fizesse mais alguma pergunta disse-me também que recebia 5\$00 por semana da Conferência de S. Nicolau e que pagava por mês 80\$00 de aluguer com água e luz.

Depois de dar uma vista pela casa toda, verifiquei que a cama ainda estava por fazer, e perguntei-lhe se ainda não tinha tido tempo de a fazer.

dificuldades para garantirmos aos Pobres a assistência que desde há muito tempo lhe vimos prestando. Custa-me a dizê-lo mas, mesmo a campanha «Tenha o seu Pobre» tem sido muito esquecida, pelo que me permito pedir a todos aqueles que tomaram a seu cargo alguns pobres se não esqueçam de nos darem notícias suas.

Entretanto, damos nota do movimento do último mês de Agosto.

Entraram 1.412\$50 e saíram 1.427\$50.

Como os nossos prezados leitores podem ver, saiu mais do que entrou e, neste andamento... Estamos contudo esperanças em melhores dias e estamos certos que será para breve, agora que está a terminar a época de férias, creio mesmo que não seremos tão esquecidos. Também não quero esquecer, sem dar nota do conteúdo de dois bilhetes que nos foram enviados:

«Junto 25\$00 para uma pobre doente do Barredo, a assinante do Famoso, n.º 100».

O outro era do seguinte teor:

«Como fui promovida e tive aumento de vencimento, envio o dobro da minha cota mensal para que o «Meu Pobre» tome parte na minha melhoria de situação e reze uma Ave-Maria pela nossa querida Pátria».

São dois bilhetinhos modestos e certos, mas que nos mostram que ainda há grandes e generosos corações que sabem amar o próximo. Assim todos seguissem este exemplo e os pobres seriam menos pobres e os ricos mais felizes. E assim dar-se-ia um grande passo para a paz do mundo.

Alberto de Almeida

★ As nossas Férias

Quando o sol de Agosto já nos tina e um ano de trabalho exige o repouso, a praia é o nosso melhor meio de o fazer.

Pois este ano, depois de termos feito as colheitas e a vindima, fomos para a praia de Mira que já nos acor-

numa casa de educação, só para se desfazer dele. Ultimamente, porém, o caso agravou-se. Batia no pequeno, furiosamente, correndo o risco de o matar. Há pouco, fechou-o numa corte, prendeu-lhe as mãos atrás, deu-lhe tantas e tão poucas por todo o corpito, que, especialmente o dorso era quase todo uma enorme pisadura. A criança, no dia imediato ao desalmado castigo, entrou para a Casa do Gaiato. Não foi preciso meter requerimento. Apenas pús a nu o seu dorso. Foi o bastante.

Em S. João do Estoril, há quem se dedique a socorrer a miséria envergonhada. E lá foi uma echarpe. Mais delas para Guimarães, Gondomar e Lisboa. Mais Gondomar. De visita a esta Casa, levaram duas colchas para cama. Só nos resta, agora, uma (lá e algodão). Para a Guarda, foi um chale. Para Coimbra, foi um ror de pegas para panelas, já que não tínhamos uma manta de trapo. Mafrá pergunta-nos o preço das carpetes e tapetes. São a 170\$ e m2. Para Entre-os-Rios, tapetes e manta de trapo. Ovar não nos esquece.

De Lisboa, 50\$. Não sei donde, 20\$, em sufrágio de quem o Senhor veio buscar a um Sanatório. A Avó de Moscavidé deseja dar muito e manda selos. Mais 10\$ de selos. A assinante 33.263 também se lembrou de Ordins, «com pena de não poder ser mais». Deo gratias.

Padre Aires



MIRANDA DO CORVO

Para começar esta pequena crónica vou dar notícias dos nossos soldados.

O Carlos Manuel depois de terminado o seu curso de professor, lá partiu com rumo a Mafrá e dali foi para Tavira, donde já recebemos notícias e onde ele vai passar a ser do Algarve. No dia da sua partida, ele dizia: «A minha tropa começa aqui». Isto por estarmos só os dois no Lar e termos de fazer o almoço. Coragem meu rapaz. A vida futura exige-te esta provação e a Pátria necessita do teu sacrifício.

O Manel Carpinteiro depois de estar em Porto Brandão, foi transferido para Tancos, donde também tem dado notícias, dizendo que se encontra bem.

O Crisanto, cuja história a respeito dos seus exames já é do conhecimento dos leitores, continua em Belém como instrutor e com o posto de Furiel Miliciano.

E por último os nossos dois de Angola, João Martelo e Porto. Estes, sempre que podem, vão dando notícias e graças a Deus bastante satisfatórias, para eles e para a Pátria que continuam a defender com amor. Coragem rapazes, a Pátria, mais do que nunca precisa do vosso esforço e nunca vos esqueceis de que sois Portugueses, Cristãos e Gaiatos. Con-

tinuai a lutar e que a vossa luta seja uma oração para Deus.

Nós também continuamos a lutar por Portugal, com a melhor arma que todos temos desde o primeiro português: a Oração.

— Colheitas. Estão a acabar e temos a dar muitas graças a Deus, pois que apesar de as nossas batatas, parte delas, terem apodrecido depois de estarem já no celeiro, temos ainda quase para todo o ano. Milho e feijão, também tivemos com fartura, embora do primeiro tenhamos que comprar ainda bastante, como acontece todos os anos.

Este sítio não é propício para vinho. Apesar disso o Senhor Padre Horácio não hesitou em plantar cá uma vinha, há já alguns anos, o que juntamente com algumas parreiras que já tinhamos lá nos vão dando algum vinho para bebermos às refeições. Fruta, foi um mundo dela este ano.

— No mês passado, nós os mais velhos, fizemos na Senhora da Piedade de Tábuas, o nosso retiro espiritual, como é costume todos os anos. O sítio é isolado e silencioso, por isso bastante convidativo para esse fim. Todos aproveitámos o melhor que pudemos e soubemos estes dias para darmos contas a Deus das nossas faltas e pedirmos forças para mais um ano de lutas. Que a barca continue di-

Justificou-se, dizendo que ainda muito nova ficara sem uma das vistas e que da outra também não via quase nada; e disse mais que não se podia baixar porque sofria dos ossos e quando fazia esforço para se curvar, lhe dava uma dor muito grande nas costas.

Certifiquei-me que realmente via muito pouco mas, com um bocadinho de sacrifício tudo se faz. E, estou mesmo em crer que se os habitantes do Barredo fossem mais zelosos na sua vida caseira, a impressão seria outra. Quem vê o seu aspecto exterior, fica realmente com uma vaga impressão da miséria que por ali existe; mas quem vai lá dentro e vive os dramas que aquelas paredes escondem, fica mais convencido de que há na realidade absoluta necessidade de se resolver aquele problema.

A pobre de quem dou informes pediu-me para eu a ajudar a pagar a renda de casa. Como os nossos leitores sabem, lutamos com muitas dificuldades e por isso vemos-nos impossibilitados de fazer alguma coisa, a menos que algum dos nossos benfeitores queira tomar a seu cuidado, esta velhinha que, como eu citado, vive com muita dificuldade.

Aqui fica o pedido, à espera de resposta, a qual, a concretizar-se deverá ser dada para o Lar do Porto.

Pretendo deixar aqui expresso, que temos ultimamente lutado com muitas

lhe no melhor ambiente há muitos anos sucessivos, rodeados de todos os carinhos.

Embora com as manhãs quase sempre toldadas de densos nevoeiros frescos, o tempo esteve quase sempre quente e o ambiente muito agradável. Daqui concluem os nossos muito bons leitores que o tempo esteve «como a gente quer» e, por conseguinte, que todos aproveitaram para o corpo tudo o que a praia lhes proporcionou.

É um gosto! O prazer de tomar banho no mar e na barrinba, bem como as horas de exposição ao sol e as brincadeiras na areia, embora discutíveis entre si, acabavam sempre por encontrar satisfação cada um na devida altura. Quando o sol já ia quase a meio era a ocasião de observar a bandeira vermelha, correr virados à água e logo dávamos o gosto ao corpo entregando-nos às ondas que imediatamente lhes davam «boleia» para terra, quando as «marolas» eram longas e de pouca frequência, ou o faziam rebolar embrulhados com areia, ou então enxovalhavam em

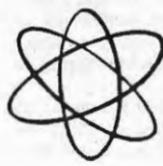
Continua na página 4



ta própria. Isto é negócio para que chamo toda a sua atenção e que não deve descuidar».

Um mês depois, precisamente em 1 de Agosto, encara a possibilidade de regressar a África ao serviço de Manuel Mendes de quem recebera proposta de trabalho, ao sair de Lourenço Marques (Cf. «Facetas...» in «O Gaiato» n.º 414 de 23/1/1960), proposta agora renovada com urgência. Ora ouçamo-lo:

«Eu disse a Mendes em carta de 4 de Junho que não aceitava as cláusulas e que não regressava a África e em respos-



FACETAS DE UMA VIDA

ta a esta carta recebo nada menos de 4 telegramas dentro de 3 dias, dois de Mendes e dois de Alvaro. Em todos vinha a palavra — escrevo — e eu espero essas cartas a ver o que vem, e como sei das suas dificuldades em conseguir o empréstimo resolvi pedir-lhe que o sustasse até ver no que param as modas. Sei já por um sujeito que chegou há dias de Lourenço e que veio via Cabo, que Mendes teve um ataque perigoso e que médicos lhe disseram para regressar o mais breve possível a Portugal e até então descanso absoluto. Por isso já eu compreendo a razão porque os telegramas me mandam embarcar em Setembro. Em qualquer dos casos, nada lhe posso dizer sem vir a carta do Alvaro e do Mendes».

A carta seguinte, datada de

Paço de Sousa, 4/9/23 está incompleta. Termina justamente por um «Muito confidencial e digo-lhe a minha vida...» e não se lê mais nada. Será esta a primeira referência à «martelada»?

Temo-la, pois, muito provavelmente, em Agosto de 23. A hesitação vai ser entre o regressar a África, ao serviço de Manuel Mendes e andar em frente no sentido do seu caminho, indicado pela «martelada».

Alguns pormenores desta luta são já conhecidos dos artigos publicados em tempo, da autoria do Senhor D. Rafael Maria da Assunção. Será intensa, mas não muito demorada.

A carta seguinte, de 17/10/23 (já publicada no referido número 414), dá-nos conta da parte vitoriosa.

Carta prós nossos no Ultramar

Queridos Rapazes:

Diante de mim, o monte das vossas cartas em espera de resposta é uma acusação.

Eu sei por experiência, menos extrema do que a vossa, o sabor azedo da saudade e a doçura que assume uma carta, até um rosto que ontem era apenas conhecido e indiferente e hoje nos provoca um movimento de afecto, porque é de lá, de onde está preso o nosso coração.

Sei que nunca vos pudemos fazer tão bem como hoje, quando a distância vos aproxima de nós e os vossos corações se abrem, reconhecendo na ausência o amor que não haviam conhecido na presença.

Sei, ainda, que nenhuma das nossas palavras, nem dos nossos esforços foi perdido, quando vos convidávamos a levantar ao Céu os vossos olhos e os vossos corações. Alguns, que sempre nos pareceram surdos, sentem agora, na solidão da lonjura, a necessidade do amparo de Deus e dizem: «A coisa que mais lhe peço é que reze por todos nós e que me mande sempre o nosso jornal». E este mesmo, que era tido por duro, acrescenta: «Diga aos meus irmãos que são da minha idade que lhes mando um abraço e para os mais pequenitos diga-lhes que quando aí chegar que lhes leve brinquedos».

Sei tudo isto... e assim, mais sinto o remorso diante do monte, cada dia mais alto, da vossa correspondência.

E que dizer dos outros, dos irmãos mais velhos que foram para a nossa África há vários anos em tarefa de paz, os quais tão bem souberam demonstrar a sua fidelidade à Obra-Mãe, quando há um ano tive a boa sorte de os visitar?! Com que cara lhes hei-de aparecer logo que puder voltar, depois de tantos meses de silêncio, fora o quebrado quinzenalmente no nosso jornal, que sempre leva mensagem em primeiro lugar para os que foram e são nossos?!

Posso dizer-vos que todas as noites, após o exame de consciência, eu começo por Timor, e venho por Macau e pela Índia e por Moçambique, até Angola e Cabo Verde e Guiné, seguindo a pista de cada um de vós que nessas Províncias servem a Pátria; e vos recomendo ao Senhor que está diante de mim, no serário da nossa Capela, com a prece aprendida de Pai Américo: «Guarda-os. Eles são mais Teus que meus...»

E sempre em nossa oração colectiva, e ainda há pouco no nosso retiro, os irmãos ausentes têm o seu lugar entre as nossas intenções.

Vocês compreendem que a nossa vida e o vosso número já tão grande não nos permitem cumprir como desejávamos. Graças a Deus que compreendem — e cada vez a compreensão seja mais profunda — de como pesa em nós a força do espírito, que só ele é capaz de vencer tempo e distâncias, na negação da quele dito tão material «longe da vista, longe do coração», cuja falsidade experimentais.

Felizes somos nós porque «Um só é o nosso Deus, a mesma a nossa Fé, um só o Baptismo que recebemos, a mesma a Esperança da nossa vocação de filhos do mesmo Deus» e assim, superiores e livres das condições terrenas que prendem os homens que não crêem, podemos conservar a nossa unidade familiar apertada no laço do amor-mútuo, que nem o tempo nem a distância conseguem desatar.

As nossas Férias

Continuação da página 3

esguichos de água e espuma quando rebentavam ao pé.

A tarde era a barrinha e lá estávamos nós na «prancha» ou na «concha» a pôr em prática o que a nossa piscina nos veio trazer de bom: o salutar desporto de nadar. «Tudo nada minha gente» e os gaiatos — que nunca deveriam nada aos outros em banhos divertidos — não ficam à quem de nenhuns em natação. Estivemos em grupos sucessivos de duas dezenas favorecendo-se cada um de dez dias muito bem passados à beira-mar.

O primeiro grupo foi o dos batatinhas. Estive eu com eles. Aturar todos os batatas em peso foi o meu reino.

A minha pedagogia pouco valeu e psicologia do mesmo modo. Supre-as e supera-as na circunstância, a dedicação. Ela a porta aberta para o educador penetrar no espírito da criança e o meio mais viável da reciprocidade da dedicação entre a criança e nós.

Era um prazer vê-los, bonitos, andarem pela praia. Nenhum deles perdia nada da sua beleza em favor da sua graça e do seu encanto infantil. Nas nossas brincadeiras pela areia, ao longo da praia, eram eles o nosso melhor testemunho e a mais saborosa isca da simpatia dos nossos queridos amigos. Vistes-os e gostastes.

Amigos conquistados, grupos substituídos e novas simpatias: a Francisquinha, uma menina de doze anos, foi o encanto dos nossos que lhe retribuíram do mesmo modo. O passatempo dela eram eles e ela o deles. Chamava-os a todos pelo alcunha e quando lhe surgia uma cara nova não descansava enquanto lhe não associava o nome. A desenvoltura com que falava num misto de encanto infantil era o assombro dos nossos quando brincavam com ela. Para testemunhar o seu carinho pelos novos amiguinhos, a Francisquinha deu-lhes bolos feitos pela Mamã e mesmo à última hora, veio despedir-se pelos braços dos avós, e trazer-lhes rebugados. Para a Francisquinha aqui vai um xi e beijinhos dos seus amiguinhos e à Mamã, Avós e Tios o nosso reconhecimento pelo carinho que nos dispensaram.

«O Mar é bom!» e o Sr. Xico Maçarico deu-nos do peixe que morria nas suas redes. É assim todos os anos!

Despesas no Sr. Morgado ficaram para «depois fazermos contas» e por fim em vez de darmos ainda trouxemos o carinho e a dádiva deste apaixonado amigo.

O Sr. João Maçarico nunca nos deixou acabar o gaz e o mesmo podemos dizer de todos os outros amigos.

Os nossos assinantes foram visitados por nós e deixaram-nos o pagamento do jornal. Não deixamos a praia sem que o Senhor Padre Horácio fosse visitar os nossos amigos de Mira que lhe permitiram uma basta colheita que deu para pagar a renda da casa e ainda sobrou.

A todos os que nos rodearam com a sua dedicação, o nosso muito obrigado e oxalá nos encontremos felizes, novamente na praia, para o ano que vem.

Carlos Alberto de Jesus



AUTO

Quando tínhamos vinte e oito anos, fomos morar para uma casa muito grande. Mesmo de frente uma estrada movimentada; a poucos metros duas tabernas. Os horários, nesse tempo, eram muito largos. Muitas vezes contemplámos demoradamente a fisionomia de certos jovens mais assíduos àqueles lugares. Podiam tocar, podiam cantar, podiam dançar, podiam mesmo soltar gargalhadas. A ver-

apaixonante? Antigamente faziam-se serões na aldeia. Não poderíamos organizar serões de trabalho para alguns destes rapazes? Ainda certo, nem todos aproveitarão. Mas tal não importa, pois em todas as coisas é do mesmo modo. Se dêssemos a muitos destes jovens a oportunidade de gastarem os tostões que vão amealhando, na construção de suas casas, em vez de os consumirem em vinho ou mesmo já em cerveja?... Se eles são assim, não será por ninguém lhes dar a sério a mão? Chamá-los de malcriados, dizer que antigamente não era assim, que não andavam fora de casa depois do escurecer, que antigamente cumprimentavam toda

CONSTRUÇÃO

dade, a dura verdade é que tinham uma fisionomia triste. Velhos, antes, muito antes do tempo. Certo, o comportamento bom ou mau do homem será sempre um mistério. Bem sabemos que muitos, possuindo casa rica, mesa posta, quarto privativo, não são melhores que outros nascidos em barracas. Abrir uma escola e dar pão nem sempre é fechar uma cadeia. Em educação há o imponderável, o imprevisível, o mistério e, se temos fé, a Graça. Mas daí nunca será permitido partir para a resignação, para o fatalismo, para o «deixa correr, pois não se pode endireitar o mundo». Todos sabemos que, em educação, vale incomparavelmente mais a acção que os discursos, as práticas e os conselhos. Doutrinar através da acção, na acção e pela acção. E se dêssemos a estes rapazes, à margem da sua vida profissional, um campo de acção

a gente e agora não, que não há respeito por ninguém...—é quase perder tempo. Organizar a vida de maneira a oferecer-lhes tarefas nobres, ideais práticas.

— Mas eles não aproveitarão!...

— Ninguém tem o direito de falar assim enquanto não experimentar a sério.

Se passamos a vida, atirando pedras, que admira que os caminhos se tornem intransitáveis? Um trabalho inteligente e bem organizado continuará a ser sempre o melhor meio natural de educação. Nos dias e sobretudo nas altas horas da noite, em que nessas tabernas rapazes faziam barulho e consumiam estupidamente a sua juventude, perguntávamos a nós mesmos se Auto-Construção não podia vir a ser, para alguns daqueles rapazes um dos meios de educação.

Padre Fonseca



Aqui Setúbal. A Sapataria!